

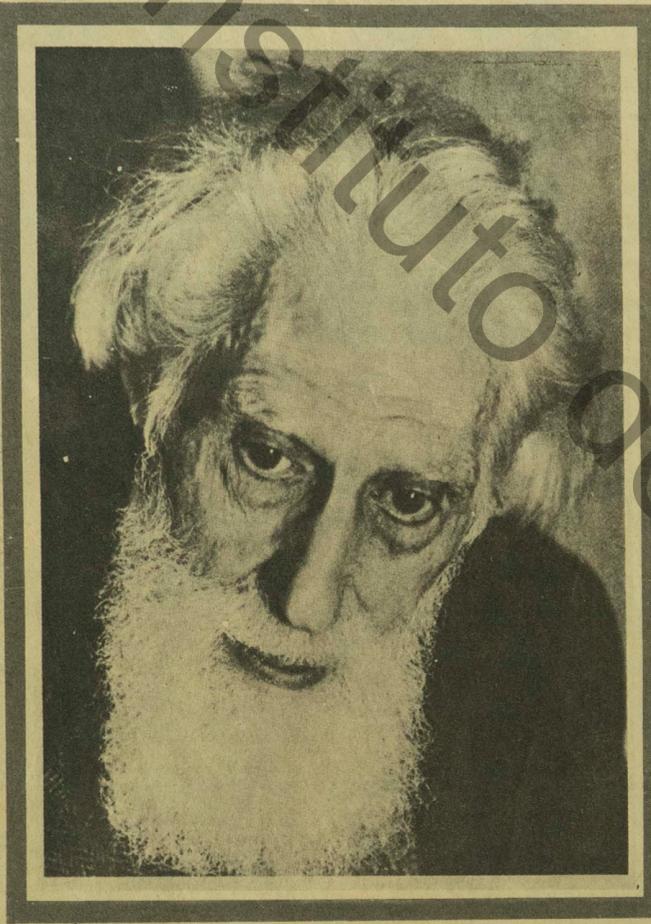
TORRES GARCIA

Três incêndios (um no MAM), muitos símbolos

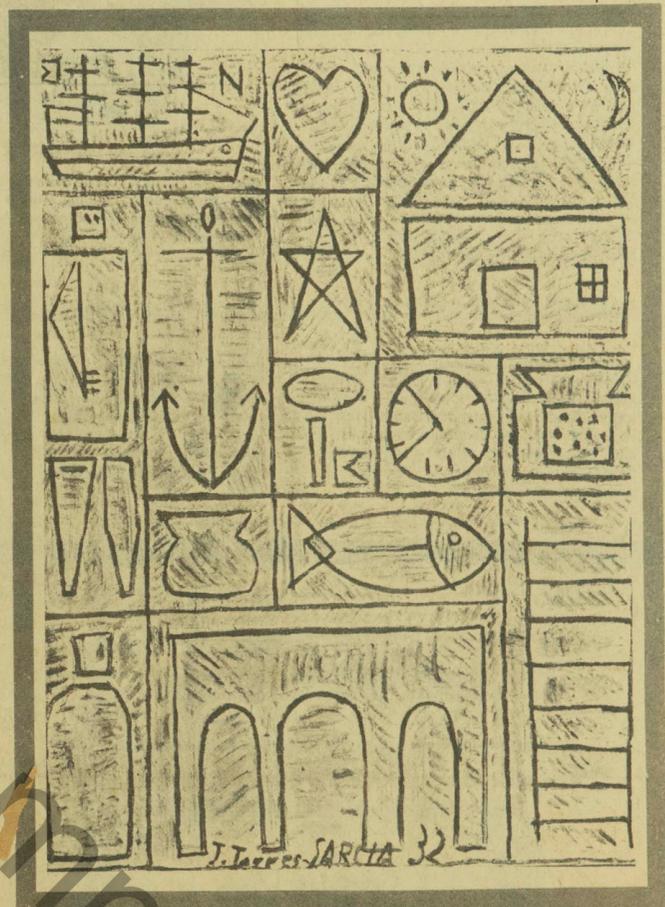
FREDERICO MORAIS

Quem é Joaquín Torres-García (1874-1949) a grande vítima, o verdadeiro anti-herói da tragédia que destruiu o bloco de exposições do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro? De repente, o grande público, aquele que raramente vai aos museus, começou a ouvir falar do uruguaio Torres-García, de sua importância para a arte latino-americana e mundial. Se poucos conhecem sua biografia, críticos e artistas brasileiros tiveram poucas oportunidades de estar vis-à-vis com sua obra. Afinal, a exposição "América Latina: geometria sensível", devorada pelo incêndio do MAM, estava a meio caminho de sua duração, e muitos interessados ainda não a tinham visto. Até então a maior apresentação de Torres-García no Brasil — 35 obras — ocorrera na Bienal de São Paulo, em 1959. Diz-se, por outro lado, que o mercador de arte Jean Bochici tem cerca de 20 pinturas de Torres-García, seis das quais destruídas no incêndio, possivelmente as mesmas que foram expostas recentemente no Museu de Arte de São Paulo, durante uma feira de antiquários e galerias de arte. Artista que sempre manipulou símbolos — a originalidade de seu construtivismo em relação aos modelos europeus foi justamente a introdução de símbolos, que em sua obra aludem aos aspectos espiritual,

racional e material da vida —, Torres-García fez de sua vida/obra também um símbolo: o da autonomia da arte latino-americana, na medida em que ele buscou enraizar-se nas culturas aqui nascidas, ao mesmo tempo que formulava conceitos capazes de orientar sua criação. A destruição de toda a fase construtiva de Torres-García no incêndio do MAM, por sua vez, propicia um novo símbolo: o da incúria com que são administradas as coisas culturais em nosso país. Por uma fatalidade estimulada pelo próprio Torres-García, que fez de suas viagens por três continentes o motor principal das modificações no curso de sua obra e a razão maior de sua extraordinária influência sobre a arte do século 20, a mais significativa de suas fases encontrou, no Rio, sua morte material. Mas, como é próprio da arte alimentar-se da adversidade e gerar, nas piores condições, gestos de entrega e de solidariedade, a família Torres-García, através da palavra de seu advogado, propiciou mais um símbolo, oferecendo nova exposição do artista para reinaugurar a parte sinistrada do Museu de Arte Moderna do Rio. A mulher e filhos (três dos quais pintores) de Torres-García sabem que não existem acervos privados: a arte é um patrimônio comum da humanidade. E, mesmo com todos os riscos, que nenhum seguro cobre, as obras precisam ser mostradas.



Joaquín Torres-García: um construtivismo diferente dos modelos europeus



"Grafismo construtivo com fundo de pinceladas", óleo sobre tela, 1932

A Catalunha, na Espanha, tem sido berço de artistas notáveis — Gaudi, Miró, Tapies, entre outros, Joaquín Torres García não é exceção. Torres García viveu boa parte de sua vida, em catalunha, escreveu seus primeiros livros de ensaios sobre arte, e foi na tradição cultural dessa região, fortemente influenciado pela Grécia, que Torres García encontrou um dos pólos da síntese proposta em seu "Universalismo construtivo" (título do livro síntese que publicou, em 1944, em Buenos Aires): o estável ou clássico. O outro é o dinâmico ou moderno. Na Catalunha começou a pintar autodidaticamente (com 18 anos), passando mais tarde a frequentar, à noite, a Academia de Belas Artes para estudar anatomia e perspectiva. Ali uniu-se ao primeiro grupo de artistas dos muitos de que participou, o Circol Sant Lluch, de orientação católica. Ali realizou sua primeira mostra individual de desenhos e cartazes, ali nasceram três filhos, Olimpia, Augusto e Ifigênia, ali encontrou apoio de Gaudi para suas idéias modernistas. Finalmente, foi em Barcelona, onde ocorreu um dos três incêndios que afetaram enormemente a integridade de sua obra. Com efeito, um dos seus projetos mais ambiciosos foi um grande mural que fez para a capela do Santo Sacramen-

to, na Igreja de Santo Agostinho, destruída em 1936. Outro incêndio ocorreu, em 1922, em Nova York, e destruiu o depósito da firma Alladin Toys Company, que comercializava os brinquedos ("juguetes") desenhados por Torres García e fabricados na Europa. Estes brinquedos ou jogos de armar de madeira (alguns dos quais presentes na mostra do MAM) estão intimamente associados à fase construtiva de Torres García. Com efeito, segundo os biografos do artista uruguaio, seu primeiro desenho construtivo (uma estrutura ortogonal plana na qual ele coloca fragmentos figurativos lineares) data de 1917. Nesse mesmo ano, desenhou jogos de madeira com partes móveis. Revelavam a confiança de Torres García na habilidade criativa das crianças e a importância que dava à estrutura. Retornando à Europa, depois de residir cerca de dois anos nos Estados Unidos, sua meta era concentrar-se na fabricação dos "juguetes". O incêndio modificou seus planos, apesar de que durante algum tempo continuou fabricando seus brinquedos em Livorno, de onde eram enviados a Paris, Londres, Amsterdam e Bruxelas. Joaquín Torres-García nasceu em Montevideu em 28 de julho de 1874. Sua mãe era uruguaia, enquanto seu pai, originário de uma família de carpinteiros, chegou a ter certo êxito como co-